

## Missão de Paz

Matérias publicadas na edição de 19/07/2009 do caderno “Barra” do Jornal O Globo  
Gabriela Temer\*

*Conheça as mulheres que estão ajudando a traçar um futuro melhor para os jovens da Rocinha*

### **Unidas para semear o futuro**

*As integrantes do projeto Mulheres da Paz, uma iniciativa governamental, lutam para manter adolescentes na escola*

X. era o mais velho de uma leva de três filhos. Com a mãe deficiente física e um pai desaparecido, tornou-se responsável pelo sustento da casa. Sem formação e sem trabalho, X. não tinha recursos para alimentar a família, e, ao vê-la passando fome, decidiu roubar. Foi preso; está na cadeia há sete anos. Com Y., o desfecho foi mais dramático.

Ele estava desempregado e a mulher acabara de dar à luz. Como ela pouco comia, seu leite secou. Acabou adoecendo e, assim como o filho, morreu de inanição. Histórias como essas cruzaram com a vida de Ana Lúcia Costa Mendes, de 32 anos, nascida e criada na Rocinha. Na intersecção delas, o drama da falta de oportunidade.

— Minha vida foi cercada disso. Vi muitos amigos indo embora — lamenta ela.

Ana Lúcia Costa faz parte do projeto Mulheres da Paz, uma iniciativa do Ministério da Justiça em parceria com o governo estadual. Ela integra um pelotão de 2.400 mulheres, presente em 18 comunidades de risco, que tomou para si a tarefa de desenhar um futuro melhor para as novas gerações. Na Rocinha, elas são 200. Desde dezembro, quando o projeto começou a funcionar na comunidade, essas mulheres identificaram e encaminharam duas centenas de jovens em situação de risco para cursos que o Senac ministra dentro da comunidade. Depois que eles estão matriculados, passam a acompanhar de perto o seu dia a dia, atentas para que não “escorreguem” e abandonem os estudos.

### **Solidariedade para combater a violência**

Mas quem são estas Mulheres da Paz, quais as suas histórias de vida, e por que elas decidiram que estava na hora de usar seus dias para transformar a realidade? Segundo o último censo do IBGE, realizado em 2000, hoje vivem cerca de 58 mil pessoas na Rocinha. O estado, em levantamento deste ano, porém, contabiliza cerca de cem mil. O fato é que pelo menos 20% vivem abaixo da linha da pobreza, segundo um levantamento da Fundação Getúlio Vargas.

Uma das maiores favelas da América Latina, cravada entre dois bairros nobres da cidade, a comunidade é um encontro de dois mundos. Tem escolas, posto de saúde, bancos e até uma agência da Ocean Air. Mas também é considerada a número um na venda de drogas na cidade.

De acordo com o Polícia Civil do Rio, com cerca de 30 pontos de vendas, o tráfico de drogas na favela fatura até R\$ 8 milhões por mês na alta temporada.

— As histórias de violência à minha volta me fizeram entrar para o projeto.

Tenho três filhos, trabalho o dia todo, e penso muito no futuro deles. A gente tem que poder interferir, e tem que ser agora. Mais tarde, é tarde demais — resume Ana Lúcia Costa.

As Mulheres da Paz, na sua maioria, têm filhos. Ou cuidam do filho de alguém.

Este perfil, segundo Idália Miranda, coordenadora do projeto no Rio, foi determinante para se decidir que a iniciativa deveria ser encabeçada pelo sexo feminino, e não por homens. Alcenir Pinheiro, de 52 anos, é um exemplo. Mãe de Danielle, hoje com 33 anos e funcionária de uma creche, ela conhece de perto as dificuldades de criar um filho numa comunidade dominada pelo tráfico.

— Eu saía de casa cedo para trabalhar e só voltava à noite.

Minha filha ficava sozinha em casa. Eu dizia para ela não sair, mas sabe como é adolescente...

Vi muitos meninos se perderem. O negócio é difícil, mesmo — lembra ela.

Agora, motivada pela própria experiência, Alcenir quer ajudar outras mães e outros jovens a viverem o mesmo final feliz que ela e sua família tiveram. Selecionada para o programa, ela recebe R\$ 190 por mês e circula pela Rocinha atenta ao que fazem os meninos e meninas da comunidade. Alcenira conta que nunca sofreu pressão do chamado poder paralelo durante as incursões para evitar que as crianças sigam o caminho da ilegalidade: — Nós não vamos lá e dizemos que eles estão errados. O que fazemos é dar ferramentas para que sigam caminhos diferentes.

“Nós não vamos lá e dizemos que eles estão errados. O que fazemos é dar ferramentas para que sigam caminhos diferentes”

Alcenir Pinheiro, do grupo Mulheres da Paz

“Se for perguntar para o traficante se quer que o filho siga o mesmo caminho que ele, a resposta será negativa. O trabalho dessas mulheres é respeitado, até porque todos sabem que é necessário”

Moisés Barreto, supervisor do Pronasci na Rocinha

### **Trabalho é respeitado na comunidade**

O trabalho que à primeira vista poderia incomodar o tráfico, na verdade conta com um apoio velado, segundo Moisés Barreto, supervisor do Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci, ligado ao Ministério da Justiça) na Rocinha.

— Se for perguntar para o traficante se quer que o filho siga o mesmo caminho que ele, a resposta será negativa.

O trabalho dessas mulheres é respeitado, até porque todos sabem que é necessário — explica Barreto.

Na sala de aula, a iniciativa é encarada como uma oportunidade única. Além do acesso às aulas, os jovens recebem uma bolsa de R\$ 100. Matheus Paiva de Mesquita, de 17 anos, cursa a especialização em Turismo e já está de olho no potencial que a própria comunidade oferece: — A Rocinha recebe diversas excursões, e, com a certificação do Senac, eu posso trabalhar como guia. Provavelmente, não estaria estudando Turismo se não tivesse entrado neste programa.

Francisco Wellington, de 19 anos, traduz a iniciativa em palavras semelhantes: — Entrar no mercado de trabalho é muito difícil, e o futuro para a gente é complicado. Quanto mais a gente souber, melhor será.

### **Histórias e motivações parecidas**

#### *Regina da Silva*

Tem 53 anos. Filha de pais separados, teve uma infância difícil. Chegou a ser expulsa de casa, e precisou começar a trabalhar cedo. Perdeu um sobrinho de 25 anos, que ingressou no tráfico e foi morto por uma granada que explodiu dentro de casa. “Sei como é importante evitar que uma criança passe tardes ociosas sozinha em casa”, diz.

#### *Alcenir Pinheiro*

Tem 53 anos e trabalhou fora a vida toda. Saía de casa cedo, voltava de noite, e passava o dia aflita por ter deixado a filha sozinha. “Como mãe, isso era muito difícil. Nunca sabia o que eu encontraria na volta para casa”, relembra. Viu muitas crianças entrarem para o tráfico, e, solidária, decidiu se engajar no projeto Mulheres da Paz para impedir que outras o façam.

#### *Ana Lúcia Costa*

Aos 32 anos, contabiliza a perda de muitos amigos, em dramas marcados pela falta de oportunidade. Diz que viveu rodeada por histórias de violência e entrou para o projeto porque vê nele uma ferramenta para mudar destinos.

Acredita que é preciso fazer algo agora, já. Mãe de três filhos, quer que a nova geração tenha mais oportunidades.

#### *Danielle Pinheiro*

Tem 33 anos. É a filha de Alcenir Pinheiro, hoje crescida, que trabalha numa creche. Acredita que a educação é a melhor arma contra a violência: “Na minha época, esses projetos não existiam. Minha mãe me mandava ficar em casa, e eu ficava. Mas o jovem, principalmente o de hoje, quer sair pelo mundo. E o que ele vai encontrar pelo caminho dependerá da forma como estiver ocupando seu tempo”.